

Silvério Fontes: Intelectual, Humanista e Cristão, 1925-2005

*Pedro Abelardo de Santana**
*José Vieira da Cruz***

Resumo

Neste texto pretendemos discutir algumas das contribuições do pensamento histórico, filosófico, jurídico e religioso presente na escrita do professor José Silvério Leite Fontes (1925-2005) – intelectual, humanista e cristão notabilizado também por suas ações, seriedade e rigor acadêmico. Aracajuano nascido no primeiro quartel do século XX, Fontes formou-se em Direito na cidade de Salvador, época em que já colecionava livros e amizades com intelectuais de diversas áreas: Feltre Bezerra, Mário Cabral, Alceu Amoroso Lima, Herbert Parente Fortes, Maria Thetis Nunes, entre outros. Destacou-se como docente em cursos secundários, jurídicos e da área das humanidades. Atuou e contribuiu junto ao Instituto Histórico Geográfico de Sergipe, Ação Católica, Ordem dos Advogados do Brasil/ Seccional Sergipe e Academia Sergipana de Letras. Na Universidade Federal de Sergipe destacou-se como professor dos cursos de Direito, Filosofia e História. Em síntese seu pensamento e ação ajudam a compreender a construção do campo cultural, jurídico e acadêmico no contexto da ditadura civil-militar e da Nova República.

Palavras-chave: Intelectual, biografia, José Silvério Leite Fontes



* Professor da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) e do PPGH/UFAL

** Professor da Universidade Federal de Sergipe (UFS), PROFHISTÓRIA/UFS e do PROHIS/UFS

Silvério Fontes:
Intellectual, Humanist
And Christian,
1925-2005

Silvério Fontes:
Intellectual, Humanista
Y Cristiano,
1925-2005

Abstract

In this text, we intend to discuss some of the contributions of historical, philosophical, legal, and religious thought present in the writings of Professor José Silvério Leite Fontes (1925-2005) – intellectual, humanist and Christian also known for his actions, seriousness and academic rigor. Born in Aracaju in the first quarter of the 20th century, Fontes graduated in Law in the city of Salvador, a period during which he already collected books and friendships with intellectuals from various fields: Felte Bezerra, Mário Cabral, Alceu Amoroso Lima, Herbert Parente Fortes, Maria Thetis Nunes, among others. He stood out as a teacher in secondary, legal, and humanities courses. He worked and contributed alongside the Historical and Geographical Institute of Sergipe, Catholic Action, the Brazilian Bar Association / Sergipe Section, and the Sergipe Academy of Letters. In summary, his thought and actions help to understand the construction of the cultural, legal, and academic fields in the context of the civil-military dictatorship and the New Republic.

Keywords: Intellectual, biography, José Silvério Leite Fontes

Resumen

En este texto pretendemos discutir algunas de las contribuciones del pensamiento histórico, filosófico, jurídico y religioso presente en la escritura del profesor José Silvério Leite Fontes (1925-2005) – intelectual, humanista y cristiano destacado también por sus acciones, seriedad y rigor académico. Nacido en Aracaju en el primer cuarto del siglo XX, Fontes se graduó en Derecho en la ciudad de Salvador, época en la que ya coleccionaba libros y mantenía amistades con intelectuales de diversas áreas: Felte Bezerra, Mário Cabral, Alceu Amoroso Lima, Herbert Parente Fortes, Maria Thetis Nunes, entre otros. Se destacó como docente en cursos secundarios, jurídicos y del área de las humanidades. Actuó y contribuyó junto al Instituto Histórico Geográfico de Sergipe, Acción Católica, Orden de Abogados de Brasil / Seccional Sergipe y Academia Sergipana de Letras. En la Universidad Federal de Sergipe se destacó como profesor de los cursos de Derecho, Filosofía e Historia. En síntesis, su pensamiento y acción ayudan a comprender la construcción del campo cultural, jurídico y académico en el contexto de la dictadura cívico-militar y de la Nueva República.

Palabras clave: Intelectual, biografía, José Silvério Leite Fontes



Introdução

José Silvério Leite Fontes é considerado por seus contemporâneos, alunos e leitores como um intelectual sereno, rigoroso e respeitado. O conceito a ele atribuído é associado a eruditos que se dedicam ao estudo, interpretação e produção de conhecimento (Sirinelli, 2003), como também aqueles que de forma engajada pensam, discutem e organizam a cultura, a sociedade e a política (Aggio, 2010). Em ambos os sentidos, tanto no cenário acadêmico quanto jurídico, ele foi reconhecido como um docente dedicado, jurista de referência e polígrafo do campo da história, filosofia, direito e da religião.

A respeito, o historiador Francisco José Alves, ex-aluno que o sucedeu na matéria de ensino “Metodologias da História”, o destacou como um mestre sereno e comprometido com a profundidade do conhecimento (Alves, 1992). No campo do direito, o jurista, professor universitário e ex-aluno, Afonso Nascimento, o caracterizou como um pensador da esquerda católica rigoroso e muito respeitado (Nascimento, 2024). Um outro contemporâneo, participe de seu círculo de estudos e amizade, o cientista político e historiador Ibarê Dantas, o definiu como um intelectual de pensamento e ação (Dantas, 2006).

O conceito de “intelectual” por si apresenta diferentes perspectivas, complexidades e definições. Para Sirinelli (2003) e Alves (2019), o termo aplica-se àqueles que se dedicam ao aprofundamento de estudos, à interpretação crítica e à produção de conhecimento em seus respectivos campos (Bourdieu, 1983) — seja de maneira polimorfa, isto é, com múltiplas formas, ou polifônica, isto é, constituído por uma simultaneidade de lugares de fala – escritor, pesquisador, jurista, docente, sindicalista, ativista político entre outros. Por outro lado, Gramsci (1978), Coutinho (1990) e Aggio (2010) expandem essa compreensão, argumentando que os intelectuais não são apenas produtores de saber, mas também sujeitos envolvidos no processo de reflexão, debate e estruturação da cultura, da dinâmica social e da esfera política de seu tempo.

A importância acerca da trajetória de intelectuais, políticos e artistas, presente desde a Antiguidade, tem sido retomada nos últi-



mos tempos com a produção de estudos historiográficos dedicados a biografias e a autobiografias (Levi, 1996; Borges, 2015; Loriga, 2023). Este campo tem sido evocado com relativa frequência para “problematizar a experiência dos sujeitos históricos, articulados entre o terreno individual e a tapeçaria da coletividade” (Guedes, 2020, p. 4). A exemplo podemos mencionar os estudos sobre Felisbello Freire (Alves, 2010), Manoel Bomfim (Oliva, 2022), Marcelo Déda (Dantas, 2023), Florentino Menezes (Dantas, 2025) e Jackson de Figueiredo (Fontes, 1998). Neste último livro, de autoria de Silvério Fontes, embora não seja um estudo biográfico nos moldes desta recente retomada historiográfica, revela premissas que ajudam Fontes a se identificar – a partir do estudo do pensamento filosófico do mencionado intelectual católico cujas ideias alcançaram grande repercussão na primeira metade do século XX.

296



A trajetória de José Silvério Leite Fontes – enquanto intelectual erudito, humanista e engajado que transitou pela filosofia, história, religião e direito – evidência uma produção polígrafa tanto no campo acadêmico quanto no campo da formação da “opinião pública” através da escrita para imprensa (Becker, 2003). De igual forma, sua atuação docente em cursos de formação secundária, jurídica e de humanidades, bem como, o seu trabalho como operador do direito em tribunais, assessorias e debates públicos, o inseriu no rol daqueles que estudam a realidade interpretando, ajustando ou a modificando. A respeito, Ibarê Dantas tem escrito reflexões sobre o legado intelectual deste pensador – com o qual manteve um profícuo convívio acadêmico, de aprendizagem e de amizade (Dantas, 2006; 2025).

Por ocasião da morte de Silvério Fontes, o jornalista, colunista social e escritor Osmário Santos (2005), republicou uma entrevista feita com ele em 1992, e acrescentou que “Sergipe perdeu um dos seus ilustres intelectuais”. Na entrevista Fontes falou que sua infância foi vivida na rua Itabaianinha, centro de Aracaju, com idas durante as férias escolares para a cidade de Salgado, tendo aprendido as primeiras lições com a sua avó materna. Estudou em uma escola particular, na rua José do Prado Franco, próximo ao Mercado Antônio Franco. Depois estudou no Colégio Tobias

Barreto, sendo aluno de nomes importantes da cultura sergipana como Artur Fontes, Abdias Bezerra e Garcia Moreno. O lado feliz de Fontes ocorria ao assistir filmes nos cinemas Rex, Rio Branco e Guarani. Em 1941, foi estudar em Salvador, Bahia, morando em pensões (Santos, 2005).

Teve despertado o gosto pelo “mundo da cultura” no Colégio da Bahia, antes de entrar na Faculdade de Direito, ocasião em que aprendeu sociologia e filosofia com o professor Hebert Parentes Fortes. Naquele contexto revelou curiosidade pelas ideias fascistas, por entender “que não havia ordem no mundo político e isso vinha das concepções liberais”. Posteriormente, descobriu o valor da liberdade, principalmente ao ler “as obras de Jacques Maritain e Alceu de Amoroso Lima”. Em Salvador, participou da Juventude Universitária Católica (Santos, 2005).

Formado em Direito em 1946, voltou para Aracaju, optando pelo ensino. Primeiro na Escola de Comércio, depois Escola Normal, Colégio Patrocínio São José, Atheneu, Escola Técnica Federal, Faculdade de Filosofia, Escola de Serviço Social, Faculdade de Direito e, por fim, Universidade Federal de Sergipe. Nas instituições representativas foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGS), Ação Católica, Ordem dos Advogados do Brasil, (OAB/SE), Academia Sergipana de Letras entre outras (Santos, 2005).

Por combater o Golpe de 1964, “escapou por pouco da prisão”, devido a sua participação no movimento grevista em Aracaju, sendo o presidente do comitê de greve. Acredita não ter sido preso devido ao fato de seu irmão ser oficial do Exército em Aracaju e chefe do presídio (Santos, 2005).

As atuações da vida profissional de Silvério Fontes também podem ser visualizadas no texto de sua contemporânea Maria Thetis Nunes. Ela o define como “Professor Silvério”, pois acredita ter sido ele o professor que mais disputou cátedras através de concurso, trajetória iniciada em 1952 junto ao Instituto de Educação Rui Barbosa (Escola Normal) em 1958, Colégio Estadual de Sergipe (Atheneu Sergipense) em 1965, e para a Livre Docência da Universidade Federal de Sergipe em 1982 (Nunes, 2005).

Apesar de sua formação em Direito na Universidade da Bahia, a partir de 1947, Silvério Fontes buscou no magistério o meio de sobrevivência por não se sentir atraído pelo exercício da advocacia. Fascinado pela História, a ensinou na Escola de Comércio e em outras escolas já citadas (Nunes, 2005).

Sendo um dos pioneiros do ensino superior em Sergipe, participou da fundação e consolidação da Faculdade Católica. Mesmo enfrentando dificuldades como a falta de salário para os professores, fato que fez muitos desistirem do ensino, ele “abnegadamente, permaneceu lecionando além de suas disciplinas, outras que ficavam sem professor, atendendo ao pedido do seu Diretor” (Nunes, 2005).

Foi um entusiasta na campanha pela criação da Universidade Federal de Sergipe (UFS), na década de 1960, realidade concretizada em 1968. Na UFS foi procurador-geral de 1984 a 1988. Mas seu auge se deu como professor no Departamento de Filosofia e História, onde lecionou Filosofia e Metodologia da História, tornando “a prática da pesquisa histórica obrigatória da disciplina Introdução aos Estudos Históricos, que seria responsável pela grande participação do Departamento de História [junto] à historiografia de Sergipe” (Nunes, 2005).

O trabalho de Fontes fez ressurgir em Sergipe a messe historiográfica paralisada, desde a década de 1950, com a saída do estado dos intelectuais José Calasans, Mário Cabral e Felte Bezerra. O seu projeto para o levantamento das “Fontes Primárias da História de Sergipe”, tornou a prática de pesquisa histórica obrigatória e contribuiu para a renovação da historiografia a partir dos anos 1990 (Nunes, 2005).

O legado intelectual de Fontes nos faz pensar como a escrita histórica transcende a descrição imutável de eventos passados, configurando-se como um campo de estudo dinâmico, complexo e constantemente reelaborado. Ela busca (re)interpretar o passado a partir da interpelação crítica das ações, motivações e contextos de homens e mulheres no tempo. Longe de ser uma narrativa estática ou definitiva, a história é um processo contínuo de investigação, interpelação e reflexão, no qual o historiador, munido de métodos e teorias, interpela as fontes que registram a ação humana no tempo



– tecendo uma tapeçaria de laços, emaranhados, redes, disputas, interesses e representações.

Nesta perspectiva, em conformidade com o debate teórico e metodológico do seu tempo, Fontes faz de sua escrita um ato de interrogação constante, que busca atribuir significado e inteligibilidade às complexas teias de relações e transformações que constituem a trajetória humana sob o ponto de vista do Humanismo Cristão. Sob este prisma, ele contextualizou, examinou e interpelou fontes, processos, conceitos e debates históricos, filosóficos, religiosos e jurídicos a ele contemporâneos. No campo da historiografia, em particular, contribuiu para a localização, guarda, organização e disponibilização de acervos para pesquisa sobre a história em Sergipe (Fontes, 1972; 1974). Inspirado em seus escritos e, sobretudo, nas experiências que ele fomentou para pensar a história em Sergipe, os autores deste texto também se valeram de suas ideias para pensar a historiografia do Sertão de Alagoas (Cruz, 2013; 2025; Nascimento; Santana; Cruz, 2025).



Leituras de algumas produções de Silvério Fontes

Nestas notas pretendemos sintetizar algumas contribuições do pensamento histórico, filosófico, jurídico e religioso publicado em livros por Silvério Fontes. A construção desta intenção vale-se da consulta a sua produção bibliográfica, escritos esparsos em periódicos e a fortuna crítica evocada por alguns dos seus leitores em relação ao seu legado.

Começaremos pelos livros que Silvério Fontes considera de perfil religioso, pois faz questão de frisar que escreve inspirado pela fé católica. Mas, apesar dessa confissão, percebemos em seus textos uma preocupação mais ampla em refletir as questões humanas. Mesmo o autor sendo um religioso praticante, membro do apostolado leigo, os seus escritos possuem um teor mais histórico, filosófico e de crítica social.

De suas obras, o mencionado perfil talvez apareça mais claramente no livro *Igreja e século* (1991[?]), o qual foi coordenado pelo autor que escreveu uma introdução e o capítulo *Rerum Novarum*,

sinal de nova espiritualidade cristã. A coletânea foi escrita por autores que integraram o “Grupo de Ação Social da Igreja Católica”, que durou de 1945 a 1951. Também se tornaram nomes importantes na sociedade sergipana como Luiz Rabelo, desembargador do Tribunal de Justiça. As discussões do grupo se davam em torno da Bíblia, da doutrina social da Igreja e de textos do filósofo francês Jacques Maritain (1882-1973). O grupo foi desfeito por sugestão do bispo D. Fernando Gomes (1910-1985), com a promessa de “abrir os órgãos da Igreja à livre manifestação do pensamento” (Fontes, 1991, p. 9). Após décadas de dispersão do grupo, eles decidiram escrever este livro em homenagem à encíclica do Papa Leão XIII, a *Rerum Novarum*, que instituiu a doutrina social da Igreja.

Os demais tópicos do livro são em ordem: À guisa de depoimento (Wilson Ribeiro), Uma visão da *Rerum Novarum* (Luiz Rabelo Leite), *Rerum Novarum* e direito do trabalho (José Ajuricaba Silva), Fundamentos e aspectos do direito de propriedade privada (Jorge Montalvão), Capitalismo, socialismo e cristianismo (José Amado Nascimento), e, A dignidade e os direitos da pessoa humana (Hélio Ribeiro). No capítulo 7, *Rerum Novarum*, sinal de nova espiritualidade cristã, Silvério Fontes teve como objetivo estudar a nova espiritualidade cristã após a citada encíclica que influenciou a Igreja Católica. A respeito, ao questionar como era a espiritualidade anterior? Respondeu que predominava o “desinteresse pelas estruturas sociais humanas” (Fontes, 1991, p. 107-128).

A inovação trazida pelo papa Leão XIII (1810-1903) foi abordar a questão operária na encíclica. Ao tratar da miséria dos operários, a Igreja Católica propunha tratar não só da alma, mas também da vida terrestre e mortal das pessoas (Fontes, 1991, p. 111-112). O papa afirmava o valor do trabalho e que era papel da Igreja cuidar da vida terrestre mortal. Decorre dos ensinamentos de Leão XIII o surgimento do sindicalismo católico e depois do movimento da Ação Católica (Fontes, 1991, p. 113). São citadas a importância das obras políticas de Jacques Maritain, Teilhard de Chardin (1881-1955), assim como é elogioso ao aparecimento da Teologia da Libertação por falar na transformação da sociedade e não somente do indivíduo.



Outra obra de Silvério Fontes que traz um tópico com viés religioso é “Ser, mundo, esperança” (2003). Na primeira parte, visualizamos o pensamento sobre o ser “problemática que angústia o coração do homem” (Fontes, p. iii). A segunda disserta sobre a existência histórica. E a terceira trata de assuntos relativos à fé cristã e à Igreja Católica. No conjunto a obra reúne reflexões escritas em diários, artigos em jornais ou apresentados em conferências. É enriquecido pelos prefácios do engenheiro e católico, Cláudio Messias Barreto, e por uma pequena biografia de Fontes preparada por Manoel Cabral Machado (1916-2009).

Em um dos tópicos que destacamos para análise “A teologia da Libertação” (Fontes, 2003, p. 51), o autor anuncia ter lido o livro de Samuel da Silva Gotay (1935-) – provavelmente, O pensamento cristão revolucionário na América Latina e no Caribe, 1985 –, o qual faz um histórico do pensamento religioso ligado à Teologia da Libertação. Fontes aponta os equívocos do livro relativos às encíclicas pontifícias, também fala da necessidade de ampliar o conhecimento sobre o assunto com as leituras do padre e teólogo peruano Gustavo Gutierrez (1928-2024) – Teologia da Libertação, 1985; Hablar de Dios desde el sufrimiento del inocente, 1986 –, e do padre Leonardo Boff - A Teologia da Libertação: balanços e perspectivas, 1996. Prossegue dizendo que Gotay é “mal informado em matéria de teologia patristica e escolástica” (2003, p. 52). Mesmo tendo simpatia ao movimento da Teologia da Libertação, Fontes diz que, apesar de algumas exceções, há uma preocupação excessiva pelo político e o econômico, deixando claro que a Igreja deveria tratar de aspectos primordialmente religiosos.

Nessa mesma obra, Fontes trata da história em um breve artigo intitulado “A dupla face política do marxismo”, no qual define o marxismo como “uma doutrina que desconhece a eternidade e pretende orientar a luta (...) dentro dos limites do espaço e do tempo” (2003, p. 137). Após breve apreciação sobre o pensamento de Vladimir Lênin (1870-1924), a social-democracia e algumas críticas ao capitalismo. A partir deste escopo ele faz comparações entre o marxismo e o humanismo e conclui que o marxismo se trata de “uma fria doutrina científica indiferente à sorte de cada mortal” (2003, p. 138).



Na última parte deste livro, ao tratar de questões religiosas, Fontes defende a existência de um “apostolado da inteligência”, claramente advogando a melhora do nível intelectual do clero brasileiro, e para isso tem como base na máxima de Santo Agostinho (354-430): “compreender para crer e crer para compreender” (2003, p. 206-7). Continua lamentando a precariedade do ensino religioso no país, mesmo sendo instituído como facultativo pela Constituição de 1934. Responsabiliza o próprio clero e a decrescente qualidade de sua formação nos seminários que abandonaram as letras clássicas, filosofia e a teologia tomista. Conclama os fiéis a estudarem a doutrina sagrada no intuito de superar as deficiências do clero, tornando-se um apostolado. Entendemos que o autor se inclui como parte deste apostolado – formado por leigos católicos esclarecidos. Em torno desta perspectiva, ele considera a sua forte ligação com a Igreja e o seu pertencimento a diversos grupos de estudo para refletir sobre filosofia e teologia, além da divulgação de seu pensamento por intermédio da imprensa.

302



Além de leitor de filosofia, Fontes se dedicou, como já mencionamos, ao seu estudo com um livro direcionado ao filósofo sergipano Jackson de Figueiredo (1891-1928). O livro *Razão e fé* em Jackson de Figueiredo (1998), traz a biografia do personagem, e a análise da sua filosofia, a qual faz o equilíbrio entre razão e fé. Sergipano de Aracaju, Figueiredo era “leitor infatigável”, poeta e escritor. Passou sua infância na rua São Cristóvão e, aos dezesseis anos, editou o seu primeiro livro de versos, *Bater de asas*. A partir de 1909, estudou direito na Bahia e lá conheceu a obra de Nietzsche “cuja filosofia de independência e de contradição, imaginosa e emotiva, logo adotou” (Fontes, 1998, p. 38). Em poesia era fã de Charles Baudelaire (1821-1867), e dos simbolistas. Seu segundo livro de poesias foi publicado em 1910, *Zíngaro*.

Após a formatura em 1913, mudou-se para o Rio de Janeiro, onde graças a amizade com o deputado federal Dias de Barros e ao tio militar, Amintas Jorge, passou a escrever nos jornais cariocas. Conheceu o filósofo cearense Farias Brito (1862-1917), o qual “levantando a bandeira do espiritualismo, via frustrados seus intuitos apostólicos...” (Fontes, 1998, p. 46). Mais tarde, Figueiredo escreveu o livro

“Algumas *reflexões sobre a filosofia de Farias Brito*”, declarando-se “indeciso entre o catolicismo e a verdade religiosa independente” (Fontes, 1998, p. 49). Em 1916, Figueiredo casou-se com a cunhada do filósofo cearense.

Na avaliação de Fontes, ao se converter ao catolicismo, Jackson de Figueiredo preencheu a lacuna de um intelectual a serviço da Igreja, pois “tornou-se um católico, na mais rigorosa significação do nobilíssimo termo (...) abdicou do seu individualismo intelectual nas mãos amantíssimas da Igreja Católica” (Fontes, 2003, p. 62). Sobre caracterizar Figueiredo como filósofo ou não, Fontes diz: “Ele meditou grandes aspectos da vida e da atividade humana. Logo merece um lugar na história do pensamento brasileiro” (2003, p. 63). O restante do livro, escrito em épocas diferentes, aprofunda o pensamento filosófico do citado autor e traz debates sobre o equilíbrio entre razão e fé nas suas obras.

Sobre os dois livros dedicados ao filósofo, Thetis Nunes (2005), destaca-se que o livro *Jackson de Figueiredo – o sentido de sua obra* (1952), originou-se de uma tese para concorrer ao concurso de professor do Instituto de Educação Rui Barbosa – a conhecida Escola Normal. Nele, Fontes estuda o pensamento do grande líder católico sergipano por ele considerado uma “dessas personalidades Sócrates (*sic*), mixto de filósofo, artista e apóstolo”. Em 1958 publicou *Razão e fé em Jackson de Figueiredo* inserindo suas ideias no contexto sociopolítico em que ele atuou.

Agora façamos apreciações de suas produções sobre história. *Formação do povo sergipano* (2004), é um livro composto por uma palestra que lhe dá nome – proferida em 9 de julho de 1990, juntamente com estudos sobre cidades e vilas sergipanas no século XIX, levantamento de fontes primárias, a emancipação da província e a cidade de Aracaju. Essa obra “amplia a discussão sobre a sociedade sergipana, iniciada por Prado Sampaio”, José Calasans, Nunes Mendonça, Luiz Mott, Alexandre Diniz – opinião tecida por Luiz Antonio Barreto (*apud* Fontes, 2004, p. 9).

Embora trate de variados assuntos, o livro *Coluna de jornal* (1985), também retrata alguns aspectos históricos. É uma coletânea



de ensaios jornalísticos, totalizando setenta e sete artigos selecionados pelo autor, não sendo a totalidade da sua produção, pois escolheu os melhores e revela ter perdido outros. Estão agrupados em quatro sessões: Religião e sociedade, Temas sociais, Figuras e Política. Segundo Fontes, “todos têm o sentido de darem testemunho da fé cristã” (1985, p. 5). Dentre os periódicos onde originalmente foram publicados aparece a *Gazeta de Sergipe*, *A cruzada* e *Jornal de Sergipe*.

Ao avaliar as figuras sergipanas, Fontes destaca o professor Garcia Moreno, com quem estudou, e sobre o qual escreveu “precisamos manter sempre acesa a memória dos grandes nomes de nossa terra (...), suas obras devem ser relidas e reeditadas, para que possam cumprir o destino que naturalmente lhes pertence, o de serem elos da tradição cultural de Sergipe” (1985, p. 99) - texto escrito como uma homenagem após dois anos da morte do seu ex- professor.

Além de expressar a admiração pelo mestre, com o qual convivia quase diariamente no bar Cacique, na praça Olympio Campos, fala de suas obras científicas e literárias, com destaque para *Letras vencidas* (1955), a qual traz uma homenagem ao antropólogo Felte Bezerra (1908-1990), dizendo “A vocação é o ajustamento total do homem a sua obra. Não é só trabalhar. É trabalhar com amor” (1955, p. 101).

O artigo seguinte faz elogios a dois dos seus mestres: Herbert Parente Fortes e Hélio José Ribeiro. O primeiro era professor de sociologia e de história da filosofia, do qual, Fontes aprendeu a sua “consciência nacionalista e meu respeito pela tradição” (1985, p. 103). Sobre Hélio Ribeiro diz que era mais que um professor, era “um líder e um mestre da vida espiritual”. Fontes lembra sempre o seu desejo de perpetuar “a memória desses mestres queridos” (1985, p. 104). Cabe destacar ainda sobre Herbert Parente Fortes (1897-1956) que, era formado em medicina pela Faculdade da Bahia, foi professor, filólogo, linguista e jornalista. Ele foi também professor das principais escolas do Rio de Janeiro - Colégio Pedro II, Instituto Lafaete. Deixou várias obras publicadas sobre filosofia, sociologia, linguística e educação. Dentre as quais: *Do Critério atual de correção gramatical* (1927), *Sugestões sociológicas* (1927), *Sobre literatura brasileira* (1927), *O veredicto da filosofia na denominação das línguas* (1950).



Dentre as várias capacidades demonstradas pelo Silvério Fontes está a da análise de obras historiográficas. No livro *Marxismos na historiografia brasileira contemporânea* (2000), o professor selecionou para avaliação alguns autores marxistas brasileiros que escreveram após o ano de 1964, marco da instauração da ditadura civil-militar no país. Entram na lista sociólogos e historiadores porque Fontes acreditava que eram muitos sutis as diferenças entre a História e as outras Ciências Sociais, aliás, na época os representantes da escola dos *Annales* pensavam na aproximação dessas ciências. Após uma breve explicação do pensamento marxista e dos seus conceitos chave, Fontes tenta deixar em suspenso a pergunta se fará a “aceitação *in totum* das posições marxistas” (2000, p. 117), mas fica evidente logo adiante que não.

Na análise geral dos autores escolhidos, Fontes reconhece a contribuição do marxismo para a renovação da historiografia brasileira. Segundo Fontes, o marxismo era um movimento que havia sido iniciado no século XX por sociólogos, economistas e historiadores. Os pensadores por ele escolhidos tem essa variação de áreas de atuação, são eles: Nelson Werneck Sodré, Caio Prado Júnior, Darcy Ribeiro e Florestan Fernandes, reconhecidos por se destacarem como distantes da ortodoxia marxista, ou seja, não possuem perfil dogmático (2003, p. 21).

Dos autores analisados por Fontes destacamos a sua apreciação sobre as obras de Caio Prado Júnior, especialmente *A revolução brasileira*. Uma de suas primeiras observações é que Caio Prado diverge da doutrina marxista “apenas das interpretações relativas à sociedade brasileira” (Fontes, 2000, p. 45). Nesse livro, o autor levanta “a voz contra as interpretações simplistas do marxismo” (Fontes, 2000, p. 51). Destaca o que ele entende por revolução, ou seja, o termo é usado com o sentido de mudança. Dentre as críticas do autor a alguns pares está a de ter havido regime feudal no Brasil e a de que haveria uma burguesia nacional “empenhada em criar uma indústria nacional” (Fontes, 2000, p. 55). O julgamento final feito por Fontes é que Caio Prado “apresenta algumas observações acertadas e pertinentes” (2000, p. 60), mas que suas teses não superaram os autores dogmáticos por ele citados.



Esta obra, em particular, pelo debate historiográfico abordado, revela uma discussão cara ao fazer-se histórico e que precisa ser mais bem apreciada pelos historiadores, economistas e estudiosos da relação entre a Igreja e o debate político de esquerda no segundo quartel do século XX.

Fortuna crítica sobre os escritos de Silvério Fontes

A professora e historiadora Maria Thétis Nunes, contemporânea e colega de estudos em Salvador e de trabalho em Aracaju do professor Silvério Fontes, lembra do princípio da amizade de ambos. Ele se aproximava da filosofia e teologia. Ela buscava o marxismo para solucionar os problemas que agitavam o mundo. Formados, reencontram-se em Sergipe como professores dos colégios Atheneu, São José, Faculdade Católica de Filosofia, Universidade Federal de Sergipe e no Instituto Histórico e Geográfico. Thétis Nunes atribui a Silvério Fontes os epítetos de jornalista, escritor, sociólogo, filósofo, historiador, líder sindical, político, e, principalmente, professor. Fontes foi “um dos últimos humanistas sergipanos”, humanista porque sua cultura se baseava nos clássicos, voltada para o homem e para Deus. Segundo Thétis, Fontes possuía uma vasta produção e, em particular, alimentava um projeto para a vida cultural sergipana (Nunes, 2005).

Segundo Thetis Nunes, “José Silvério marcou sua passagem pela coerência, lucidez, o ideal de igualdade e fraternidade e a Fé que, para ele, instala-se como uma convicção” (2005, p. 137). Ela acredita que Silvério Fontes foi um sergipano e brasileiro que

maior contribuição deu aos estudos filosóficos entre nós, iniciada em 1948 com a conferência no Instituto Histórico, a convite da Sociedade Franco Brasileira, sobre Diretrizes do Pensamento de Jacques Maritain, divulgando em Sergipe as linhas básicas do grande filósofo cristão francês, que ele considerava sua filosofia uma projeção da filosofia de Santo Thomaz de Aquino, com o aprofundamento dos seus conceitos e a superação de certas posições inerentes às perspectivas do tempo em que viveu o Doutor Angélico (Nunes, 2005, p. 133-4).



Sua erudição é atestada também pela conferência sobre Léon Bloy, pronunciada em 1956, visando divulgar o pensamento do filósofo cristão francês, “superando o desconhecimento existente sobre sua obra, concitando que o lessem com o sentir cristão, buscando nele a configuração artística da vida cristã” (Nunes, 2005, 134). No mesmo ano de 1956, foi proferida outra conferência sobre as Principais Correntes da Filosofia Contemporânea, apresentando o pensamento objetivista em Schopenhauer e Eduardo Von Hartmann. Na mesma fala, Fontes demonstra conhecimento sobre o Neo-hegelianismo, o Neo-kantismo, a Fenomenologia e o Existencialismo.

Para iluminar a “província”, Silvério Fontes manteve contatos com renomados professores de universidades brasileiras, convidando alguns para ministrarem cursos em Sergipe, como José Honório Rodrigues e Nelson Werneck Sodré. Outras de suas realizações foram o Encontro de Historiadores do Nordeste em 1974 e, no ano seguinte em 1975 o Simpósio Nacional da ANPUH – Associação Nacional dos Professores de História (Nunes, 2005).

O jornalista, escritor, membro da Academia Sergipana de Letras, João Oliva Alves (1922-2019), seu contemporâneo e amigo, afirma “meu encontro efetivo com Silvério Fontes deu-se por volta de 1958, quando, depois de atuar como repórter na “Gazeta de Sergipe”, transferi-me para trabalhar na “A Cruzada”, na função de redator-chefe”, vangloriando os seus dotes de escritor diz, “elegi-o meu modelo, em jornalismo”. Da sua atuação na advocacia destaca a eleição para “presidência da seção regional da OAB, sendo eleito por duas vezes, granjeando elevado prestígio entre a classe, por sua seriedade e competência”. Como escritor, Alves frisa que ele produziu “ensaios sobre temas de História, Filosofia, Sociologia e Religião”, sendo eleito para a Academia Sergipana de Letras (ASL). Como intelectual, liderou um grupo que se reunia “um dia por semana no Clube Cotinguiba, depois na casa dele próprio, dedicando-se a estudos de filosofia e teologia”. Alves (s/d.) o define como jornalista, escritor, acadêmico da ASL, advogado, professor, historiador, filósofo, sociólogo e líder católico.

No tocante ao sentimento de pertencimento a Sergipe, o livro de Silvério Fontes, *A formação do povo sergipano* (1972), faz uma



análise que, sem meias palavras, vislumbra o “complexo de inferioridade do sergipano”. Este é um dos seus textos mais lidos e debatidos. Uma das melhores apreensões críticas do seu conteúdo foi feita por Afonso Nascimento (2025), para quem este é “ainda hoje, o melhor texto sobre o assunto”, mais adiante completa ser um trabalho pioneiro e único sobre o tema. Fruto de uma palestra, o texto do “jurista e historiador”, segundo a classificação de Nascimento, faz uma teorização “sociológica e histórica” sobre o tema da identidade sergipana, mas não se baseia em fontes empíricas.

De acordo com Nascimento (2025), o autor lança mão de ideias históricas, sociológicas, filosóficas e psicológicas para tratar da identidade sergipana. No referido estudo, Fontes elege os seguintes fatos: “autonomia relativa” da capitania de Sergipe, a “centralidade do Estado, as guerras e os conflitos”, a emancipação da Bahia, “o desenvolvimento da economia” e a introdução do ensino superior. A partir da sociologia ele explica que a identidade se configura a partir de várias “fórmulas de diferenciação nacional”, por isso, rompe com a visão ratzeliana e spenceriana de sociedade de outro sergipano, Prado Sampaio (indivíduo e natureza), ao colocar a discussão em termos sociológicos, ou seja, na relação entre indivíduo e sociedade. O indivíduo “é um ser racional e tem vontade própria”, e mais os indivíduos “realizam o destino humano em comum e o que é de um é, por essência, também dos outros”. Outra área avocada para esmiuçar a identidade é a filosofia, a partir da qual Fontes explica a identidade pela “semelhança (ou o ser é o ser)”, ele “não trabalha com a diferença como fundante da identidade”, como foi feito por alguns filósofos.

Após alicerçar a sua tese sobre a formação do povo sergipano, Fontes chega ao famoso “complexo de inferioridade” dos sergipanos. Nesse caso, ele discorda da tese do “acanhamento” defendida por Prado Sampaio (1865-1932). No pensamento de Fontes, a “inferioridade” aparece como ressentimento dos sergipanos. É por conta desse complexo que os “sergipanos seriam sempre dependentes da aprovação dos outros, do reconhecimento externo – como pode ser percebido na valorização dos grandes sergipanos que fizeram sucesso em outras partes do Brasil” (*apud* Nascimento, 2025).



Um ano antes da morte de Silvério Fontes, várias homenagens lhe foram dirigidas. A respeito, Itamar Freitas (2004) informa sobre o título que lhe foi conferido como sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, “a instituição que ele ajudou a reerguer, após o afastamento do grande Epifânio Dória”. Comenta também a homenagem, três semanas antes, na Biblioteca Pública Estadual, ocasião em que foi lançada uma coletânea de seis ensaios da sua escrita. E faz algumas perguntas, “Qual a razão das homenagens? Por que motivo insiste-se tanto na lembrança deste professor, ausente do magistério há bem mais de uma década?” Responde que, entre outras motivações, destaca-se o reconhecimento da “sua obra de historiador”. Após traçar algumas linhas sobre a contribuição de Fontes para a historiografia, seus conhecimentos atualizados de teoria, comenta sinteticamente o livro *A formação do povo sergipano* (2004). Freitas sentencia que Silvério Fontes era dotado de “parcimonioso ecletismo” intelectual, o qual deve “ter-se alojado, provavelmente, nos recônditos da memória de um ou outro aluno atento como Francisco José Alves, Terezinha Alves de Oliva e Ibarê Dantas”.

Outro artigo do professor Itamar Freitas (2004) faz uma análise sobre o capítulo “A evolução de Aracaju”, do livro de Silvério Fontes *A formação do povo sergipano* (2004). Freitas pergunta, “O que é Aracaju para Silvério?” e reproduz a resposta do próprio autor: “Ela é minha cidade! Parte de meu sangue, dos meus olhos, de minhas recordações e emoções!”. E acrescenta que “Silvério não se esforça para anunciar a imparcialidade do historiador”. Continua perguntando, “mas o que é o objeto “Aracaju” para Silvério?” e responde que é “um assunto central da história política, econômica e social de nosso Estado”. Após comentar nos pormenores os diversos temas tratados no capítulo, avalia que o trabalho de Silvério seja uma das mais significativas sobre a historiografia a respeito de Aracaju (Freitas, 2004).

Em três textos dedicados a analisar a contribuição de Silvério Fontes para a história da historiografia sergipana, a partir de um artigo que este publicou no *Cadernos da UFS*, o professor Samuel Albuquerque (2016), afirma que a primeira observação de Fontes é



que historiografia sergipana era “obra dos filhos da Província e versando sobre sua terra natal” (Fontes, 1972, 4). Fontes propôs uma periodização em três fases para a historiografia sergipana: primeira de 1890 a 1920; segunda de 1920 a 1960; a terceira partindo da década de 1960.

Segundo Albuquerque (2016), na primeira fase (1890-1920, Silvério Fontes inclui o historiador Felisbello Freire, com *História de Sergipe*, a qual seria obra “até hoje não superada como trabalho amplo, embora escrita de acordo com a filosofia liberal da época” (Fontes, 1972, 5). Nota também a fundação do IHGSE, em 1912, com sua revista publicando valiosos estudos históricos. Outros autores de maior relevância são: Ivo do Prado, com *A Capitania de Sergipe e suas Ouvidorias* (1919), Carvalho Lima Júnior, com *História dos limites entre Sergipe e Bahia* (1918), Oliveira Telles, com *Limites de Sergipe* (1919).

310



Seriam autores de menor peso na ótica de Fontes: Laudelino Freire e L. C. Silva Lisboa, Balthazar Goes, Manuel Curvelo de Mendonça, F. Nobre de Lacerda. Outros autores depreciados por fazerem apologia aos grandes homens são: Manoel Armindo Cordeiro Guaraná, Liberato Bittencourt, padre Antonio Carmelo. Também é citado pelo interesse para a história literária e artística: Prado Sampaio, com *A literatura Sergipana* (1908) e *Sergipe artístico, literário e científico* (1928) (Albuquerque, 2016).

A segunda fase (1920-1950), seria um período de “decadência”, “arrefecimento” e “descrença”. Dentre os poucos autores dessa fase são citados Sebrão Sobrinho, com *Laudas da História do Aracaju* (1955), Epifânio da Fonseca Dórea, com artigos na Revista do IHGSE, Philadelpho Jonathas de Oliveira, com *História de Laranjeiras Católica* (1935), João Dantas Martins dos Reis, com artigos na Revista do IHGSE, Felte Bezerra, com *Etnias sergipanas* (1950), *Investigações Histórico-Geográficas de Sergipe* (1952), José Calasans, com *Aracaju: contribuição à História da capital de Sergipe* (1942), *Temas da Província* (1944) (Albuquerque, 2016).

Na terceira fase (após 1960), Silvério Fontes veria “retomada” e “transformação”. A criação da universidade federal teria incentivado a “recuperação” da historiografia. Entretanto, permaneceram

autores sem novidade como Acrísio Tôres Araújo, com *Pequena História de Sergipe* (1966), *Aracaju, minha capital* (1967), J. Pires Wynne, com *História de Sergipe, 1575-1930* (1970). Só mereceu elogios o texto de Jackson da Silva Lima, *História da Literatura Sergipana* (1971).

Por ocasião da morte de Silvério Fontes, seu ex-aluno e amigo, Ibarê Dantas (2005), produziu um dos textos mais ricos de informações para apresentá-lo. Faz um elenco de fatos eleitos como importantes sobre sua vida pessoal, estudantil, profissional e política. Nosso interesse maior é constatar onde e como Dantas retrata o intelectual Fontes. O primeiro destaque é a observação de que ele viveu “até certo ponto como um asceta”, estudando autores cristãos como Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, além dos “clássicos da Filosofia, especialmente Aristóteles, Kant e Hegel, tornando-se um dos maiores pensadores sergipanos do seu tempo” (Dantas, 2006, p. 299). Dantas destaca também o apego de Fontes à democracia, devido “as leituras de Alceu Amoroso Lima e de Jacques Maritain foram contribuindo para que descobrisse a importância da liberdade e da democracia” (Fontes, 2006, p. 299).

Mais uma prova da sua erudição foi, em 1958, a aprovação em primeiro lugar no concurso para o Colégio Estadual de Sergipe, com a tese sobre *A Formação do Conceito de Fato Histórico na Cultura Ocidental*, na qual “mostrou sua familiaridade com o pensamento dos principais historiadores e filósofos que plasmaram a cultura do velho mundo, assim como deixou patente a força de sua erudição vasta e segura” (Dantas, 2006, p. 300).

A sua religiosidade católica não o impediu de ter simpatia pelo “pensamento de esquerda da época”, pelo nacionalismo. Fontes, assim como os autores que lia, “Continuavam rejeitando o ateísmo dos marxistas, mas simpatizavam com a luta das classes subalternas, refletindo inclusive na doutrina social da Igreja Católica” (Dantas, 2006, p. 301). Ainda sobre o aspecto religioso, a sua atuação como professor não era palco para doutrinação, Dantas afirma que ele ensinava “simultaneamente disciplinas diferentes sem jamais fazer da cátedra tribuna de proselitismo de suas ideias religiosas ou políticas”. E mais, era dotado de uma “postura de mestre sóbrio, crite-



rioso, rigoroso nas avaliações para alguns, mas aberto às críticas e ao debate” (Dantas, 2006, p. 303). Por fim, consideramos magistral a finalização de Dantas classificando Fontes como “um dos maiores pensadores do século XX em Sergipe”. Um homem de pensamento e ação respaldados por uma fé inabalável” (Dantas, 2006, p.305).

Dantas (2025) aprofunda sua análise do legado de Silvério Fontes em um novo texto, cujo manuscrito tivemos acesso antecipado, oferecendo uma perspectiva mais próxima e detalhada sobre a trajetória do mencionado intelectual. A essência desta nova contribuição reside na exploração aprofundada dos aprendizados advindos da convivência próxima com Fontes, revelando a dimensão humana e o impacto direto de seu pensamento em seus contemporâneos. A respeito, o autor o destaca como uma figura catalisadora para a consolidação do campo intelectual - característica que não se limitou à produção acadêmica, mas estendeu-se à articulação de espaços de debate, formação de novos pesquisadores e à criação de uma identidade intelectual em Sergipe.



Sob a mira da Ditadura civil-militar

Fontes não passou ileso pela Ditadura civil-militar (1964-1985) – aqui compreendida como um período de hegemonia política dos militares apoiados por setores econômicos, políticos e sociais de perfil conservador, direitista e reacionário. A sua atuação docente, jurídica, sindical, bem como suas ações em grupos de estudos, palestras, comissões e mobilizações políticas, não lhe valeram apenas o “respeito e a admiração dos seus pares” (Dantas, 2006, 2025). Mas, de forma incisiva, lhe renderam o deferimento da vigilância, restrições e constrangimentos impostas pelos órgãos da comunidade de segurança (Dantas, 1997; Cruz, 2015). A documentação deferida contra ele neste contexto é volumosa, significativa e reveladora – mas ainda aguarda estudos aprofundados a respeito.

Além da publicação de livros, artigos, palestras, traduções e outros escritos, ele destacou-se como dirigente sindical de servidores estaduais e federais, membro da diretoria do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE) e da Ordem dos Advogados do

Brasil - Seção Sergipe (OAB/SE), como também do quadro docente da Faculdade Católica de Filosofia de Sergipe (FCFS), Faculdade de Direito de Sergipe (FDS), bem como do Centro de Educação e Ciências Humanas (CECH), Departamento de Filosofia e História (DFH), Departamento de Direito (DDI), Conselho Universitário (CONSU) e Procuradoria Federal da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Junto a estas instituições organizou greves, participou de campanhas por aumento salarial, campanha para criação de uma universidade em Sergipe, campanha pela Anistia dos presos políticos, conselho de direitos humanos, campanha pela criação de uma assembleia nacional constituinte, processo de eleição direta de dirigentes das fundações federais, elaboração do estatuto, regimento interno e outras normativas, além de ter participado de inúmeros debates junto à imprensa.

Esta postura crítica, independente e polígrafa lhe valeram, portanto, atenção especial do Serviço Nacional de Informações (SNI) – vigilância, censura e perseguição encampado pelos apoiadores do golpe e da Ditadura civil-militar. O exame da documentação destes órgãos, cujo registros, atividades e objetivos persistiram nos primeiros anos da Nova República, revelam dossiês dedicados a mapear os antecedentes de Silvério Fontes (Brasil, 1984), monitoramento dos debates para realização de eleições diretas na UFS (Brasil, 1983), representação junto às discussões por uma assembleia constituinte (Brasil, 1980), atuação sindical (Brasil, 1985), atuação junto a movimentos políticos e populares, a exemplo do Movimento Democrático Brasileiro (Brasil, 1987). Enfoques e possibilidades de pesquisa ainda pouco abordados - exceção de um ensaio sobre os problemas de Silvério com a Ditadura (Nascimento, 2025).

Considerações

Os escritos do professor José Silvério Leite Fontes, ou Silvério Fontes como era mais conhecido, embora numerosos em quantidade, destacam-se pela concisão em termos de volume. Essa característica é um testemunho de sua preferência pela síntese e pela objetividade na comunicação de suas ideias. Sua vasta e atualiza-

da biblioteca pessoal, um verdadeiro acervo de conhecimento que abrangia desde tratados técnicos sobre trabalho, previdência, administração e política, até coleções aprofundadas sobre filosofia, história e teologia – é um valioso repositório construído ao longo de uma vida dedicados a investir na busca de conhecimentos e de ações associadas à construção do campo político, institucional e intelectual a partir de Sergipe. A biblioteca, custeada com recursos próprios, serviu-lhe de base sólida para suas reflexões, mas curiosamente, ele próprio não se dedicou à produção de extensos tratados e nem de exames exaustivos de documentos.

A produção intelectual do professor Silvério Fontes se manifestava predominantemente em formatos mais curtos: palestras, artigos para periódicos e capítulos em obras coletivas – excetuando suas teses. No entanto, a brevidade formal não compromete a profundidade do conteúdo. Pelo contrário, cada texto era denso e notavelmente embasado em uma sólida fundamentação teórica. Ele possuía a habilidade de discutir conceitos complexos e análises aprofundadas em uma linguagem direta, tornando seu pensamento influente e respeitado.

A influência do professor Silvério Fontes em Sergipe não se limitava ao campo acadêmico, mas se estendia a diversas esferas da vida pública, contribuindo significativamente para o debate e a formulação de políticas em temas cruciais. Fontes foi conservador nos costumes em razão de seu alinhamento com a moral cristã, mas no campo político e intelectual defendeu os direitos humanos, as demandas dos movimentos sociais e, sobretudo, a democracia nos moldes do humanismo cristão. Nesta perspectiva, ele criticou o marxismo político, mas valorizou o materialismo histórico como método.

O impacto do pensamento de Silvério Fontes foi amplificado pela rede de amigos, leitores e admiradores que ele cultivou ao longo de sua vida. Essa rede incluía acadêmicos, políticos, estudantes e profissionais de diversas áreas que reconheciam a lucidez e a relevância de suas contribuições. A troca de ideias e o diálogo que ele promovia eram parte integrante de sua metodologia intelectual cujo rigor acadêmico, seriedade e profundidade é recorrentemente lembrado.



A apreciação de algumas das contribuições de seu legado intelectual aqui discutidas, o definem como um docente, sindicalista, filósofo, jurista, historiador e ativista político - cuja atuação, desde a década de 1940, ajuda a compreender a formação do campo intelectual, historiográfico e democrático na segunda metade do século XX. Passado um século do seu nascimento, seus escritos e ações merecem ser revisitados, estudados e discutidos – em razão de continuarem a oferecer *insights* valiosos para a compreensão das dinâmicas religiosas, sociais, políticas e econômicas do contexto histórico em que ele viveu, atuou e teceu reflexões. Em síntese, Neste sentido, o preâmbulo aqui traçado é uma contribuição às reflexões tecidas por ocasião do centenário do seu nascimento.

Referências

AGGIO, Alberto. “A ‘classicidade’ de Gramsci e o tema dos intelectuais”. In: **Revista Anos 90**, Porto Alegre, v. 17, nº 32, 2010, pp. 75-91.

ALBUQUERQUE, Samuel. Silvério Fontes e a história da historiografia sergipana (I, II, III), **Jornal da Cidade**, 14 de março de 2016. Disponível em: <<https://istoiesergipe.blogspot.com/2017/01/silverio-fontes-e-historia-da.html>>. Consulta em 23 de março de 2025.

ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. **Educação e Filosofia**, Uberlândia, v. 33, n. 67, p. 27-55, jan./abr. 2019.

ALVES, Francisco José. **A rede de conceitos: uma leitura da historiografia de Felisbelo Freire**. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2010. Disponível em: https://www.fjalves.com/_files/ugd/79ff1f_04cf96b5043c48408c1360d2a1343c7d.pdf. Acesso em 07.10.2025.

ALVES, Francisco José. Mestre José Silvério Leite Fontes: 45 anos de magistério. **Jornal de Sergipe**, 17 e 18 de maio de 1992.

ALVES, João Oliva. **José Silvério Leite Fontes, uma das mais vigorosas expressões do pensamento e das letras, em Sergipe**. Disponível em: <<https://editora.ufs.br/pagina/1965-silverio-pg>>. Acesso em 27 de outubro de 2025.

BECKER, Jean-Jacques. A opinião pública. In: RÉMOND, René. **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, pp. 185-212.

BORGES, V. P. (2015). Fontes biográficas: grandezas e misérias da biografia. In C. B. Pinsky (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo, SP: Contexto. p. 203-233.

BOURDIEU, Pierre. **Campo de poder, campo intelectual**. Buenos Aires: Folios, 1983

BRASIL. **Arquivo Nacional**. br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ppp_80001050_d0001de000.pdf. 1980

BRASIL. **Arquivo Nacional**. br_dfanbsb_v8_mic_gnc_aaa_84039000_d0001de0001.pdf. 1984.

BRASIL. **Arquivo Nacional**. br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ppp_83005824_d0001de0001.pdf. 1983.

BRASIL. **Arquivo Nacional**. br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ppp_85007733_d0001de0001.pdf. 1985.

BRASIL. **Arquivo Nacional**. br_dfanbsb_v8_mic_gnc_ppp_87009411_d0001de0002.pdf. 1987.

COUTINHO, C. N. Gramsci e as ciências sociais. **Serviço Social & Sociedade**, São Paulo, v. 9, n. 34, 1990.

CRUZ, José Vieira da. Aprendizados em Alagoas: capítulo de uma autobiografia docente, acadêmica e política, 2013-2024. **Revista Caeté: Revista de Ciências Humanas**, v.7 , n. 1, 2025.

CRUZ, José Vieira da. O ensino superior vigiado: a atuação dos órgãos de segurança e vigilância em Sergipe. In: **Anais eletrônicos do XXVIII Simpósio Nacional de História**, Florianópolis: ANPUH, 2015, p.1-13.

CRUZ, José Vieira da. Vozes do Ser-tão nas Tramas de Mnemósine: fontes orais para a História Contemporânea em Alagoas” In: **Anais eletrônicos do V Encontro Nacional de História da UFAL**. Maceió: UFAL, 2013b, p. 832-840.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Florentino Telles de Menezes: pensamento e ação**. Aracaju: Criação, 2025.

DANTAS, José Ibarê Costa. José Silvério Leite Fontes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, n. 35, 2006. Disponível em: <<http://silveriofontes.com.br/depoimentos.html>>. Acesso em 3 jun. 2017.

DANTAS, José Ibarê Costa. **Marcelo Déda na construção da democracia**. Aracaju: Criação Editora, 2023.

DANTAS, José Ibarê Costa. Minha convivência com o professor José Silvério Leite Fontes. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe**, Aracaju, v.2, n. 55, 2025.



DANTAS, José Ibarê Costa. **Tutela Militar em Sergipe**, 1964-1984. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

FONTES, José Silvério Leite. **Coluna de jornal**. Aracaju: Fundação Estadual de Cultura, 1985.

FONTES, José Silvério Leite. **Formação do povo sergipano**. São Cristóvão: UFS, 1972.

FONTES, José Silvério Leite. **Formação do povo sergipano**. Aracaju: SEC, 2004.

FONTES, José Silvério Leite. **Fontes para a História de Sergipe**. São Cristóvão: UFS, 1974.

FONTES, José Silvério Leite. **Igreja e século**: centenário da Rerum Novarum (1891-19910. Aracaju: s.l.p., 1991?

FONTES, José Silvério Leite. **Marxismos na Historiografia Brasileira Contemporânea**. São Cristóvão: UFS, 2000.

FONTES, José Silvério Leite. **Razão e fé em Jackson de Figueiredo**. Aracaju: EDUFS, 1998

FONTES, José Silvério Leite. **Ser mundo e esperança**. Aracaju: Secretaria de Estado da Cultura, 2003.

FREITAS, Itamar. **Leituras sobre a história de Aracaju**: Silvério Fontes. A Semana em Foco, Aracaju, p. 6B-6B, 15 ago. 2004. Disponível em: <<https://itamarfo.blogspot.com/search/label/Silv%C3%A9rio%20Fontes>>. Consultado em 23 de junho de 2025.

FREITAS, Itamar. **Silvério Fontes outra vez**. A Semana em Foco, Aracaju, p. 6B-6B, 08 ago. 2004. Disponível em: <<http://itamarfo.blogspot.com/2010/11/historiografia-sergipana.html>>. Consultado em 23 de junho de 2025.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

GUEDES, Ana Carolina de Azevedo *et al.* História(s) e trajetória de intelectuais. **Revista Vernáculo**, n. 46, 2020.

LEVI, Giovani. Os usos da biografia. In: FERREIRA, M. M.; AMADO, J. (org.). **Usos & Abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 167-192.

LORIGA, Sabrina. **Pequeno X: Da Biografia à História**. Belo Horizonte: Autêntica, 2023.

NASCIMENTO, Afonso. Silvério Fontes e esquerda católica. **Jornal do Dia - Sergipe**, Aracaju, 24 de dezembro de 2024. Disponível em: <https://>

jornaldodiase.com.br/silverio-fontes-e-a-esquerda-catolica/. Acesso em 10.11.2025.

NASCIMENTO, Afonso. Problemas do professor Silvério Leite Fontes com o regime militar. In: NASCIMENTO, Afonso. **Lutas pelo Poder**. Ensaios sobre indivíduos e grupos políticos em Sergipe. Aracaju: Criação, 2024, p. 17-23.

NASCIMENTO, Afonso. Silvério fontes e o complexo de inferioridade do sergipano. **Jornal do Dia - Sergipe**, Disponível em: <<https://jornaldodiase.com.br/silverio-fontes-e-o-complexo-de-inferioridade-do-sergipano/>>. Consultado em 23 de junho de 2025.

NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do. SANTANA, Pedro Abelardo de; CRUZ, José Vieira da. O fazer-se historiográfico do Extremo Oeste Alagoano. NASCIMENTO, Edvaldo Francisco do; SILVA, Amaro Leite da; SILVA, Josiêlda da. (org.). **Estudos do Oeste Alagoano**: historiografia e território em perspectiva. Maceió: Edufal, Eduneal, Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2025, p. 32-55.

NUNES, Maria Thetis Nunes. Elogio a José Silvério Leite Fontes. In: **Revista da Academia Sergipana de Letras**. N. 35, 2005, p. 131-137. [Disponível em: <<https://istoessergipe.blogspot.com/2017/03/homenagem-postuma-jose-silverio-leite.html>>]. Acesso em: 23 de mar. 2025.

OLIVA, Terezinha Alves de. **Manoel Bomfim, um intérprete do Brasil**. Aracaju: Editora SEDUC, 2022.

OLIVEIRA JUNIOR, João Mouzart de; MENDES, Ana Carolina Fontes F. No mundo de Silvério: educação, religião e atuação política em Sergipe no século XX. In: **Encontro Internacional de Formação de Professores**, 11., 2018, Aracaju. Anais [...]. Aracaju: UNIT, 2018.

SANTANA, Pedro Abelardo de. Os tesouros da biblioteca de um intelectual sergipano: livros do professor Silvério Fontes. In: SILVA, Augusto da; MALAQUIAS, Carlos de Oliveira (org.). **Cultura, memória e poder**: história e historiografia. Rio de Janeiro: Telha, 2023.

SANTOS, Osmário. **Silvério Fontes**: o defensor dos direitos humanos. 15/12/2005. [Texto reproduzido do site: osmario.com.br]. Disponível em: <<https://istoessergipe.blogspot.com/2017/01/silverio-fontes-o-defensor-dos-direitos.html>>. Acesso em 23 de março de 2025.

SIRINELLI, Jean-François. “Os intelectuais”. In: RÉMOND. René. **Por uma história política**. Tradução de Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003, pp. 231-270.

